



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

**A PERCEPÇÃO DO PASSADO NA TRADIÇÃO HISTÓRICA INDÍGENA EM
DOCUMENTOS QUICHÉ E CAKCHIQUÉL**

Karina Aparecida Avelino Monte

Monografia do Curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Gláucia Cristiani Montoro

Seropédica, Julho de 2015

**A PERCEPÇÃO DO PASSADO NA TRADIÇÃO HISTÓRICA INDÍGENA EM
DOCUMENTOS QUICHÉ E CAKCHIQUÉL**

Karina Aparecida Avelino Monte

Orientador: _____

Monografia do Curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovada por:

Presidente, Prof.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Seropédica, Julho de 2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha orientadora Gláucia Cristiani Montoro, pois sem sua orientação e ajuda durante a minha graduação esta pesquisa não seria possível. Obrigada pela paciência, amizade, pelo carinho, e também apoio durante o meu intercâmbio. Sou muito grata por tudo que fez por mim! Não poderia deixar também de agradecer ao Marcos Alexandre Teixeira, por ter me recebido durante esses anos em sua casa sempre com muito carinho e alegria. Obrigada também pelo apoio e incentivo. Foi um imenso prazer ter conhecido pessoas como vocês!

Aos meus pais, Jane e Cristóvão e aos meus irmãos Leonardo e Aline e minha querida sobrinha Eduarda. Obrigada pelo apoio e pela compreensão nos momentos em que estive ausente. Sem vocês nada disso teria sido possível.

Agradeço também a Flávia Ribeiro pelo carinho, paciência, incentivo, e por acreditar na minha capacidade. Obrigada por ter estado ao meu lado nesta fase importante da minha vida, e por não ter medido esforços nos momentos em que precisei de ti.

Aos meus amigos Guilherme, Veronika e Bárbara, que estiveram comigo ao longo desta caminhada. Obrigada por ter amenizado os estresses, a correria dos períodos, e a distância de casa. Fica aqui também o meu agradecimento a minha amiga Camila dos Anjos, embora nossa amizade tenha pouco tempo, você se mostrou muito presente nos momentos em que precisei.

A minha amiga Ana Carolina, por dividir comigo muita mais que uma residência estudantil, por ter estado ao meu lado nos momentos de aperto, de ansiedade, por ter me escutado sempre que precisei e por ter me apoiado durante esses anos de estudo.

As professoras Luciana Gandelman e Patrícia Faria por ter aceitado o convite para realizar a leitura desta monografia. Foi uma honra ter sido aluna de vocês.

E por fim, quero agradecer a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro por ter proporcionado a melhor fase da minha vida e pelo excelente corpo docente do curso de História. E quero agradecer também pela oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico no México, foi uma experiência incrível.

Monte, Karina Aparecida Avelino.

A percepção do passado na tradição histórica indígena em documentos *quiché* e *cakchiquel*/ Karina Aparecida Avelino Monte. Seropédica: UFRRJ/ICHS, 2015.

Número de páginas pré-textuais: 7, Número de Páginas Textuais: 44

Orientador: Gláucia Cristiani Montoro

Monografia (Licenciatura) – UFRRJ/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Departamento de História, 2015.

1. História. 2. História da América 3. Maias. 4. Tradição Indígena. I. Montoro, Gláucia Cristiani. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto Ciências Humanas e Sociais, Curso de História. III. Licenciatura.

A PERCEPÇÃO DO PASSADO NA TRADIÇÃO HISTÓRICA INDÍGENA EM DOCUMENTOS QUICHÉ E CAKCHIQUÉL

Karina Aparecida Avelino Monte

Orientador: Gláucia Cristiani Montoro

A presente pesquisa tem como tema central a sobrevivência da tradição histórica indígena durante o período colonial. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos dois documentos de grupos étnicos maias distintos da região das Terras Altas da Guatemala: o *Memorial de Sololá*, elaborado em uma comunidade *cakchiquel*, e o *Título de los Señores de Totonicapán*, de uma comunidade *quiché*. Nosso objetivo com esses documentos foi traçar, através da percepção de passado, quais elementos da tradição histórica indígena se fizeram importantes para dar legitimidade às histórias e às linhagens governantes frente aos espanhóis e às demais comunidades maias durante o período colonial. A partir da análise compreendemos que alguns mecanismos de legitimidade usados pela tradição pré-colombiana ainda se faziam presentes nos documentos reelaborados no período colonial. Foi possível perceber também que tanto os grupos maias quanto os grupos mexicas compartilhavam elementos legitimadores para justificar o poder de sua elite governante e posse de seu território.

Palavras-chave: América espanhola, Guatemala, Maias, Tradição Indígena

ACKNOWLEDGMENT OF THE PAST IN THE INDIGENOUS HISTORICAL TRADITION WITHIN THE QUICHÉ AND CAKCHIQUÉL DOCUMENTS

Karina Aparecida Avelino Monte

Orientador: Gláucia Cristiani Montoro

The present work was focused on the continuity of the indigenous historic tradition during the colonial period. For the development of the study were used two documents from etic groups specifically from the Highlands of Guatemala region: the *Memorial de Sololá* elaborated by the cakchiquel community and the *Título de los Señores de Totonicapán* elaborated by the quiche community. The goal was to point out indicate, by noticing the perception of the past history, what were the elements of the traditional indigenous history that were put into evidence to support the rulers' histories and its bloodlines, when facing the Spanish and other Mayan communities during the colonial period. From the analysis, it was understood that some legitimacy support mechanisms used by the pre-Columbian tradition were still presents on the reelaborated documents of the colonial period. It was possible to notice that both Maya and Aztec groups share some elements used to support the legitimacy and power of its ruling elite and the ownerships of its territory.

Key word: Spanish America, Guatemala, Mayans, Indigenous tradition

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I: A produção de documentos indígenas durante o período colonial e as fontes, <i>Memorial de Sololá e Título de los Señores de Totonicapán</i>	5
1.1: Antecedentes: a <i>Mesoamérica</i> e seus documentos.....	5
1.2: O período colonial e as transformações das tradições históricas indígenas a partir do contato com a cultura do <i>Outro</i>	9
1.3: As fontes.....	14
1.4: A estrutura dos documentos <i>Memorial de Sololá e Títulos de los Señores de Totonicapán</i>	17
Capítulo II: A percepção do passado no período colonial e os elementos legitimadores das linhagens quiché e cakchiquel.....	22
2.1: A alteridade na construção do <i>Eu</i>	22
2.2: A percepção do passado para as comunidades quiché e cakchiquel na reelaboração de suas histórias.....	26
Considerações Finais.....	39
Bibliografia.....	41

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema central a sobrevivência da tradição histórica indígena durante o período colonial na Guatemala. Para desenvolver tal tema buscamos compreender a percepção de passado dos nativos que reescreveram suas antigas histórias em dois documentos indígenas produzidos no contexto da colonização e evangelização da América hispânica. Além de compreender quais elementos da tradição indígena se fizeram importantes para legitimar as elites governantes maias frente ao novo contexto político e cultural do período colonial, a escolha deste tema se deu devido à escassez de estudos no Brasil a respeito dos grupos que serão abordados nesta pesquisa, somados ao fato da temática selecionada ter sido explorada em pesquisas sobre os grupos do México Central, mas pouco abordada em estudos sobre os indígenas das Terras Altas¹ da Guatemala. Por esses motivos, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para a ampliação dos estudos a respeito dos povos indígenas da América hispânica no Brasil, sobretudo, sobre os grupos étnicos maias da Guatemala.

O território da Guatemala foi conquistado por Pedro de Alvarado na primeira metade do século XVI. O conquistador chegou às Terras Altas da Guatemala no ano de 1524, encontrando um território dividido e dominado por dois grupos étnicos: quichés e cakchiqueles.² Os grupos étnicos *quiché* e *cakchiquel* controlavam metade do território das Terras Altas quando os conquistadores europeus chegaram à região. Os *quichés* controlavam a maior parte dos territórios e seu poder e prestígio ainda se encontrava em crescimento. Com a chegada dos espanhóis, os *cakchiqueles* viram nos conquistadores uma oportunidade de aliança para ajudá-los a dominarem os demais grupos indígenas, mas, sobretudo, viram uma oportunidade para destruírem os *quichés*, e acabarem com sua dominação.³

Os espanhóis foram recebidos pelos *cakchiqueles* em sua capital Iximché. A partir deste acolhimento eles descreveram aos espanhóis quais grupos vizinhos havia ao redor da capital para que pudessem ajudá-los a destruir seus inimigos como, por exemplo, os grupos

¹ As “Terras Altas” da Guatemala se referem à região montanhosa e de grande altitude desse país.

² Preferimos utilizar nesta pesquisa a grafia em espanhol: “cakchiquel” e “cakchiqueles”.

³ BRICKER, Victoria Reifler. *El cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 66-67.

tzutujiles e os *quichés*. Os conquistadores foram dominando territórios e os indígenas reconhecendo o governo espanhol. Pedro de Alvarado fez da capital *cakchiquel* a sede de seu governo, pois este grupo foi o primeiro a se aliar aos espanhóis. Esta aliança se desfez após um tempo, pois os *cakchiqueles* já não estavam respeitando o regime espanhol, desfazendo, assim, a aliança entre os dois grupos.⁴

Após alguns anos de conquista e dominação dos territórios maias por Pedro de Alvarado e seus homens, no ano de 1537, chegou o primeiro grupo de franciscanos para dar início à evangelização. A evangelização foi solicitada pelo também conquistador Francisco de Montejo el Mozo. Este enviou um pedido à Coroa espanhola para que fossem enviados religiosos para dar início à catequização dos índios na região da Guatemala e Península de Yucatán. A catequização se deu primeiramente na região da Guatemala e, no ano de 1542, a evangelização se direcionou para a região de Yucatán. A primeira Igreja Católica na região maia estava localizada na região de Campeche e foi fundada com a ajuda de Montejo el Mozo.⁵

Os indígenas foram se convertendo à religião católica, passando a reinterpretar sua religião a partir de novos elementos adquiridos após o contato com as histórias bíblicas e os costumes da tradição ocidental. Existiu em ambas as culturas a interpretação de elementos, pois um interpretava o outro a partir do seu próprio universo cultural. Os frades precisavam conhecer a cultura indígena antes de convertê-los ao cristianismo, por isso, uma das tarefas dos missionários era o estudo da religião e da língua indígena, a fim de melhor convertê-los à fé Católica.

O contato com a cultura do ocidente e o aprendizado do alfabeto latino possibilitou aos indígenas maias a reelaboração de suas antigas histórias durante o período colonial, uma vez que muitos de seus documentos históricos foram queimados pelos conquistadores por estarem vinculados às práticas religiosas e divindades pré-hispânicas.⁶

⁴ BRICKER, Victoria Reifler. Op. Cit., p. 69-75.

⁵ GÓMEZ, José Manuel A. Chávez. *Intención franciscana de evangelizar entre los mayas rebeldes*. México: Conaculta, 2001, p. 74-84.

⁶ NAVARRETE L., F. Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 59.

Dentre os documentos maias reescritos⁷ durante o período colonial, selecionamos o *Memorial de Sololá*⁸ e o *Título de los Señores de Totonicapán*⁹, respectivamente, da comunidade *cakchiquel* e *quiché*. O motivo da escolha desses documentos se deu devido ao seu caráter histórico e por ter como tema central de sua história a fundação de seu *atepétl*, e alguns elementos da tradição histórica indígena que se fazem necessários para legitimar os membros da linhagem governante. A escolha também se deu pelo fato dos *quichés* e *cakchiqueles* serem grupos vizinhos e também rivais. Desta forma, poderíamos tentar compreender a importância da relação de um grupo com o outro para a construção de suas histórias.

Alguns autores se fizeram necessários para o entendimento da relação de contato entre culturas distintas e também para a análise dos documentos selecionados. A autora Maria Regina Celestino de Almeida foi importante para a análise de nossos documentos, pois ao estudar as tradições históricas indígenas precisávamos ter a compreensão de que o conceito de tradição está em constante transformação, sobretudo, quando os grupos se encontram em contato com culturas bastante distintas das suas. A análise de Almeida, em seu texto *História e Antropologia*¹⁰, nos fez perceber que as transformações ocorridas nas sociedades indígenas, como as reinterpretações de suas histórias ou as mudanças na forma de se narrar seus conteúdos, ocorreram pela situação de contato imposta a elas e a partir do relacionamento com a cultura do ocidente. Essas transformações não foram algo particular do período colonial, mas um processo que ocorre em qualquer sociedade.

Outro autor que contribuiu para nossa análise foi Federico Navarrete Linares. Navarrete nos ajudou a entender o universo cultural indígena a partir de seus trabalhos, nos fazendo também compreender como os grupos da região Central do México construíram sua história de origem, os elementos essenciais que dão legitimidade à elite governante no

⁷ Dentre os documentos produzidos durante o período colonial, podemos citar alguns como, por exemplo, o *Popol Vuh*, *Los libros de Chilam Balam de Chumayel* e *Las Histórias de los Xpantzay*.

⁸ *MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles*. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

⁹ *TÍTULO de los Señores de Totonicapán*. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

¹⁰ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *História e Antropologia*. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p. 151-168.

poder, bem como a importância dos ancestrais para as histórias tradicionais.¹¹ A partir dos estudos de Navarrete, percebemos que a reescrita das histórias indígenas não ocorreu apenas no período colonial, pois os governantes que detinham o poder de transmissão da tradição histórica já realizavam a queima e reescrita de seus conteúdos durante o período pré-hispânico.

A partir dos referenciais teóricos e do período no qual os documentos foram elaborados (o período colonial), nosso objetivo foi traçar, através da percepção de passado dos autores dos documentos, quais elementos da tradição histórica se fizeram importantes para dar legitimidade às histórias e aos descendentes das linhagens governantes frente aos espanhóis e às demais comunidades maias durante o período colonial.

Norteadas por essas questões, esta monografia contará com dois capítulos. O primeiro abordará a produção dos documentos históricos no período colonial e a situação de contato. Introduziremos a região da *Mesoamérica*, falando um pouco sobre o período pré-hispânico com algumas de suas características e as sociedades indígenas antes da conquista espanhola. Depois, abordaremos o período colonial, evidenciando as transformações que as tradições indígenas enfrentaram após a chegada dos conquistadores e colonizadores nos territórios que ficariam conhecidos como Nova Espanha e Guatemala. E, por fim, falaremos sobre os documentos estudados, o *Memorial de Sololá* e o *Títulos de los Señores de Totonicapán*, seu período de produção, autores e sua estrutura.

No segundo e último capítulo, abordaremos a questão da alteridade na construção do *Eu*, pois tanto os indígenas como os espanhóis realizaram interpretações do universo cultural um do outro a partir de referenciais de suas próprias culturas. As tradições indígenas foram se transformando com o tempo e sofreram um processo de hibridismo cultural, mesclando elementos pré-colombianos com ocidentais. Em seguida, analisaremos as fontes, buscando traçar a percepção de passado dos autores dos manuscritos, evidenciando os elementos que poderiam garantir legitimidade à elite governante e confirmar seus direitos políticos e territoriais.

¹¹ LINARES, Federico Navarrete. *Los Orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2011.

CAPÍTULO 1

A PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS INDÍGENAS DURANTE O PERÍODO COLONIAL E AS FONTES, MEMORIAL DE SOLOLÁ E TÍTULO DE LOS SEÑORES DE TOTONICAPÁN

1.1 – Antecedentes: a Mesoamérica e seus documentos

A grande área que abrange regiões da América Central e do Norte e onde se desenvolveram as tradições dos diversos grupos étnicos indígenas aqui estudados foi denominada *Mesoamérica*¹² pelo antropólogo Paul Kirchhoff (ver Mapa 1). Esta região compreende os territórios hoje pertencentes ao México, Guatemala, Belize, El Salvador e Honduras, além de parte da Nicarágua e Costa Rica.¹³ Nessas áreas desenvolveram-se diversos grupos que possuíam características culturais em comum. Mas, segundo Montoro, “(...) apesar das características comuns entre os grupos, havia uma grande diversidade étnica e cultural entre os povos mesoamericanos, uma pluralidade de organizações políticas e sociais e mais de uma centena de línguas.”¹⁴

¹² A região mesoamericana compreende áreas do México, Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. O termo Mesoamérica foi utilizado por Paul Kirchhoff, em 1943, para designar as áreas ocupadas por grupos que compartilhavam determinadas características culturais, estabelecidas por Kirchhoff e posteriormente por outros estudiosos que se dedicaram ao estudo das antigas culturas do México e América Central. (KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica: sus limites geográficos, composición étnica y caracteres culturales. *Suplemento da Revista Tlatoani*, México: Sociedad de Alumnos de la Escuela Nacional de Antropología e Historia, nº 3, 1960. Disponível em: <<http://dbweb.admvo2.uv.mx/culturas/mesoam.html>>, apud SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 40-41.)

¹³ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 79.

¹⁴ MONTORO, Gláucia Cristiani. *Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas*. 2001. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p.8.



Mapa 1: *Mesoamérica*¹⁵

De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, embora houvesse características próprias de um grupo para o outro, o estudo de Kirchoff revelou que os habitantes da região do México e da América Central compartilhavam diversas características culturais:

(...) a utilização de um bastão de madeira com a ponta afiada e endurecida no fogo para se plantar (*coa*); o cultivo do milho como base de alimentação; a produção de papel e de *pulque* (bebida alcoólica fermentada) com o agave (*maguey*, planta da mesma família que o sisal); a utilização de práticas de auto-flagelação e de sacrifícios humanos com finalidades religiosas; o cultivo do cacau; a construção de pirâmides escalonadas; a prática do jogo de pelota e a produção de armas de madeira com bordas de lâminas de pedra, principalmente obsidiana e sílex.¹⁶

¹⁵ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 22.

¹⁶ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 40-41.

O estudo de Kirchoff e as características levantadas pelo mesmo foram sendo somadas, de acordo com Natalino dos Santos¹⁷, a novos dados observados por outros pesquisadores. Entre essas novas características que marcam as semelhanças entre os grupos mesoamericanos podemos citar: um calendário com dois ciclos; a concepção de que o mundo havia passado por diversas idades e seu fim era marcado por eventos cataclísmicos; e o registro de dados sobre suas comunidades. Os registros dos povos mesoamericanos eram elaborados em diversos suportes, como: papel de amate¹⁸, pele de veado, pedras, paredes, cerâmicas, dentre outros. Diversos grupos da região mesoamericana utilizavam sistemas de escrita que possibilitavam o registro de uma infinidade de dados, dentre eles os históricos. As regiões ocupadas por grupos maias, objetos de nosso estudo, possuíam uma combinação de dois sistemas, um pictográfico, sem conexão com as línguas faladas por eles, e outro hieroglífico, constituído por sílabas baseadas nas línguas maias.

Durante o período pré-hispânico as tradições históricas dos grupos indígenas eram transmitidas especialmente por intermédio da oralidade, de geração para geração, e sofriam modificações em seus conteúdos ao longo do tempo, por estarem vinculadas a uma elite governante, que as modificava no intuito de defender a identidade de seu grupo e sua posição política frente aos demais povos de sua região. O autor Federico Navarrete, em seu artigo “*Los libros quemados y los nuevos libros: paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*”¹⁹ aborda a questão da autenticidade dos documentos produzidos durante o período colonial, pois alguns autores acreditam que esses documentos são pouco representativos das culturas tradicionais indígenas, por trazerem conteúdos já bastante alterados, porque os antigos livros foram destruídos e novos foram reescritos em seu lugar. Porém, Navarrete nos diz que essa prática de destruir e reescrever novos documentos não surgiu no período colonial, já era praticada pelos próprios governantes em tempos pré-

¹⁷ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 41.

¹⁸ Alguns livros indígenas eram confeccionados em um suporte de papel feito da casca de uma árvore da família das moráceas, conhecido como “papel de amate”, ou *amatl*, em língua náhuatl (MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico*. 2008. 353f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, p. 2.

¹⁹ NAVARRETE L., F. *Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 53-71.

hispanicos, ou seja, fazia parte de suas tradições a destruição dos documentos e a reescrita dos mesmos.

Os códices históricos, documentos que continham os registros dos acontecimentos mais importantes das comunidades étnicas eram, normalmente, exibidos por especialistas em reuniões públicas. Estes “(...) recitavam os relatos, cantos, preces e outros textos da tradição oral, vinculados à informação visual contida em tais documentos”²⁰.

Vale destacar que entre os livros recitados por especialistas havia os relatos históricos e religiosos relacionados à identidade étnica de cada grupo, acontecimentos históricos que foram protagonizados pelos fundadores, ou seja, os principais ancestrais que deram origem às linhagens e seus descendentes.²¹ Os ancestrais foram os principais responsáveis pela manutenção da tradição frente à comunidade, e durante o período colonial vamos perceber que os mesmos permanecem tendo destaque nas narrações, pois estiveram presentes nos principais acontecimentos, além de serem os fundadores das tradições históricas indígenas. Navarrete²² explica que os ancestrais tinham grande importância nas narrativas, pois eles teriam vivido os principais eventos da história da comunidade e foram os fundadores das linhagens, por isso, elas se apoiavam nas “palavras” dos antigos, como nos exemplos dados pelo autor a respeito de dois documentos maias: o Popol Vuh²³ e do Memorial de Sololá²⁴. Ambos os textos iniciam suas histórias informando o leitor que o documento foi escrito a partir do que era contado pelos ancestrais.

As tradições históricas indígenas em tempos pré-hispanicos eram transmitidas através da oralidade e apenas especialistas das comunidades tinham acesso a esses documentos, pois somente uma pequena parcela da população tinha permissão e capacidade para a interpretação e leitura dos dois sistemas de escrita, no caso dos maias, o pictográfico

²⁰ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica*. O calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2009, p. 9.

²¹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. Op. Cit., 2009, p. 9.

²² NAVARRETE L., F. Op. cit., 1998, p. 59-60.

²³ No “Primeiro Canto” da fonte, podemos perceber que a história que será contada reside na palavra dos antigos: “Esta é a raiz da palavra antiga. Aqui é Quiché seu nome. Aqui escreveremos então, iniciaremos então as palavras antigas (...)” (POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 41).

²⁴ Na “Primeira Parte” da fonte, já nos é indicado que esta conta a história dos seus antepassados: “*Aqui escribiré unas cuantas historias de nuestros primeros padres y antecesores, los que engendraron a los hombres en la época antigua (...)*” (MEMORIAL de Sololá/Anales de Los Cakchiqueles. Trad. Adrián Recinos. México: Fondo de Cultura Económica, 1948, p. 47).

e o hieroglífico. Esta forma de se transmitir o conhecimento também estava sujeita a transformações, pois os conteúdos eram modificados pelos governantes para defenderem seus poderes políticos e legitimarem a elite governante. No período colonial as tradições mesoamericanas sofreram mudanças a partir do encontro com a cultura do colonizador, como o aprendizado do alfabeto latino, que permitiu aos membros das elites registrarem suas histórias em papel europeu usando o sistema de escrita ocidental. E nesse novo sistema de escrita continuaram a reinterpretar seu antigo passado, mas agora a partir do contato com os elementos da cultura ocidental.

1.2- O período colonial e as transformações das tradições históricas indígenas a partir do contato com a cultura do Outro

A chegada dos espanhóis na América durante a primeira metade do século XVI e a colonização que se seguiu trouxe impactos para as culturas indígenas em sua forma de narrar as histórias tradicionais. Os documentos produzidos durante este período foram elaborados num contexto de transformação cultural nas sociedades indígenas, marcado pelo “encontro” entre culturas muito distintas (indígenas e europeias), também múltiplas e complexas em si mesmas²⁵.

As fontes principais e auxiliares utilizadas nesta pesquisa foram produzidas no contexto de colonização e evangelização na América. Os conteúdos que antes eram narrados através da oralidade e registrados em livros indígenas passaram por transformações, pois a evangelização e a colonização possibilitaram a reescrita da história das comunidades mesoamericanas, e suas histórias foram reinterpretadas a partir do conhecimento adquirido durante esse processo.

Porém, as histórias tradicionais indígenas, tanto na forma oral como escrita, sempre estiveram sujeitas a modificações, no que se refere ao conteúdo e também à interpretação, uma vez que eram continuamente resignificadas pelas novas gerações, pois o próprio ato de

²⁵ COELHO, Pablo Martins Bernardi. As crônicas mestiças: uma análise sobre a construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo. *Revista Latino-Americana de História*, vol. I, n. 1, p. 23-44, jan. 2012, p. 23.

retransmitir o conhecimento gera uma transformação.²⁶ Navarrete explica que os conteúdos dessas histórias estavam sujeitos a modificações, mesmo aqueles transmitidos em escritas glotográficas, ou seja, baseadas em uma língua, supostamente mais fiéis à fala, pois “(...) *el significado de un texto transcrito fonéticamente está tan sujeto a interpretación y a deformación como el de un texto transmitido oralmente (...)*”²⁷.

A comunidade que produziu o documento conhecido como Popol Vuh, por exemplo, pode ter transferido para este manuscrito alguns aspectos da ideologia cristã. Este livro, por mais tradicional que pareça, uma vez que possui diversas características da tradição indígena - como o tempo²⁸, deuses²⁹ e o mito -, é um produto do meio no qual foi produzido, ou seja, o início do período colonial. Por isso, nele também podemos observar elementos que podem ser analogias a aspectos mitológicos e ideológicos da cultura ocidental como, por exemplo, a existência e justificativa para um dilúvio³⁰ e a desobediência feminina³¹.

No entanto, este tipo de relação não é o foco desta pesquisa, já que um estudo com este objetivo foi realizado pela autora Otilia Cortez³², o qual já foi bastante discutido e criticado.³³ Nossa pesquisa, por outro lado, tem como enfoque a percepção do passado que será concebida pelos autores indígenas dos documentos aqui estudados durante o período colonial, período que possibilitou a reescrita de suas histórias.

²⁶ SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Trad. Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

²⁷ NAVARRETE, Federico Linares. Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito. *Estudios de Cultura Náhuatl*, México, v. 30, p.231-256, 1999, p. 240.

²⁸ As histórias não são narradas de forma linear, o que chama a atenção para o modo como o tempo era tratado pelos indígenas.

²⁹ Os Deuses desempenham um papel importante nos relatos. Não existe apenas um deus, mas vários.

³⁰ O dilúvio no Popol Vuh ocorre porque os seres criados não reconheciam, cultuavam ou respeitavam os deuses criadores, então, eles mandaram um dilúvio para destruí-los (POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 57-65). Na Bíblia o dilúvio ocorre devido à corrupção da humanidade (Gn, capítulo 6, versículos 5 a 12).

³¹ A desobediência no Popol Vuh está centrada em Ix Kiq (Moça de Sangue), uma jovem que é proibida pelo pai de chegar perto da árvore onde estava a cabeça de Hun Hun Ah Pu, que foi sacrificado junto com seu irmão pelos senhores de Xibalba – senhores do inframundo. A curiosidade da moça é tanta que desobedece a seu pai e vai até a árvore proibida. Por sua atitude, é levada ao sacrifício pelos senhores de Xibalba (POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 145-161). Já na Bíblia a desobediência está centrada em Eva, que come do fruto proibido, a maçã (Gn, capítulo 3, versículos 1-24).

³² CORTEZ, Otilia. Intertextualidad y paralelismo entre el Popol Vuh y La Biblia. *Espetáculo*. Revista de estudios literários. Universidad Complutense de Madrid, n. 40, 2008. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero40/.html>>. Acesso em: 12 set. 2011.

³³ GARCÍA, Guillermo Osvaldo. El simbolismo cosmogónico en el Pop Wuj. Facultad de Ciencias Sociales – UNLZ, Ano VI, v. 3, n. 11, , p. 111-130, 2009.

O contato entre colonizados indígenas e os colonizadores gerou um diálogo intercultural. Por isso, as histórias indígenas passaram por adaptações, a fim de que pudessem se adequar à nova situação, atender às novas gerações indígenas cristãs e serem compreendidas pelo público ocidental³⁴. As tradições se adaptaram com o tempo, resultando na interação entre tradição histórica europeia e mesoamericana.³⁵ Segundo a autora Danna Levin Rojo, os registros encontrados nas fontes variam de acordo com seus propósitos e a cultura de seus autores, o que nos leva a perceber que durante o período colonial podemos encontrar fontes de tradição indígena e fontes de tradição espanhola. Sendo assim:

*Es útil saber, por ejemplo, cuándo una fuente se apega a las nociones y estilos propios de una tradición indígena y cuando se articula en torno a los paradigmas de la civilización occidental. El contraste radical entre la noción europea de historia universal y el particularismo étnico característico de los relatos indígenas que conservan la memoria del pasado colectivo ilustra claramente este punto, si bien las tradiciones indígenas y las europeas (...) frecuentemente conviven en un mismo documento.*³⁶

Tendo em vista esta convivência entre as culturas nas fontes, Florescano, em seu livro “*Memoria Mexicana*”³⁷, realiza um estudo a respeito de diversos grupos que habitaram o território atual do México e Guatemala, afirmando a existência histórica de cada um por intermédio da recuperação do passado. Durante o período colonial os

³⁴ MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis: Estudo codicológico*. 2008. 353f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008, p. 256- 265.

³⁵ NAVARRETE, Federico; ROJO, Danna Levin. Introducción: el problema de la historiografía indígena. In: NAVARRETE, Federico e ROJO, Danna Levin (coord.). *Indios, mestizos y españoles: interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007, p. 13-17.

³⁶ ROJO, Danna Levin. Historiografía y separatismo étnico: el problema de la distinción entre fuentes indígenas y fuentes españolas. In: NAVARRETE, Federico e ROJO, Danna Levin (coord.). *Indios, mestizos y españoles: interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007, p. 22-23.

³⁷ FLORESCANO, Henrique. *Memoria Mexicana*. México: FCE, 2002.

indígenas passaram por uma fase de reconstrução³⁸, mas os elementos que faziam parte dessas culturas podem ser compreendidos a partir de leituras das fontes.

Florescano³⁹ nos apresenta organizações de elementos que se fazem presentes na estrutura das histórias mesoamericanas, que continuaram a aparecer nos documentos coloniais. Dentre esses elementos temos: a concepção do cosmo, que se dá pela organização do espaço em céu, terra e inframundo; o tempo, que se dava em ciclos - diferente do nosso, que é linear -; um calendário de 365 dias⁴⁰ e um de 260 dias⁴¹ (calendário religioso); e o mito cosmogônico, que conservava a identidade do grupo e era passado para as gerações futuras. Outros aspectos importantes para entendermos as tradições históricas indígenas são as representações de alguns elementos simbólicos da cultura mesoamericana, como o milho, os sacrifícios, dentre outros. A observação de tais elementos se faz necessária para o entendimento desta pesquisa, pois ao estudarmos as fontes temos que ter em mente aspectos das tradições indígenas.

Portanto, é possível perceber que as tradições indígenas mantiveram características de seu universo cultural mesmo estando em situação de submissão a outra cultura, bastante diferente da sua. Foram capazes de se apropriarem de elementos pertencentes à cultura do outro para manterem vivas suas próprias tradições e identidades. Muitos aspectos das histórias foram modificados, mas outros tantos foram capazes de se fazerem presentes nos documentos coloniais, ainda que adaptados às novas circunstâncias. De acordo com Montoro⁴², não foi a suposta superioridade ocidental que alterou a sociedade indígena, mas a simples presença do ocidente e sua interação com esses grupos.

O diálogo entre História e Antropologia trouxe novas perspectivas para as abordagens sobre as sociedades da América colonial, sobretudo, para as discussões que se propõem a pensar as relações de alteridade⁴³ entre nativos e colonizadores. O encontro

³⁸ FLORESCANO, Henrique. Op. Cit., 2002, p. 10-11.

³⁹ FLORESCANO, Henrique. Op. Cit., 2002, p. 13-99.

⁴⁰ Era chamado pelos maias de *tzolkin* (FLORESCANO, Henrique. Op. Cit., 2002, p. 21).

⁴¹ Chamado pelos maias de *raab* (FLORESCANO, Henrique. Op.Cit., 2002, p. 22).

⁴² MONTORO, Gláucia Cristiani. O conceito indígena através dos códices coloniais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: ANPHLAC2004, p. 6. Disponível em: < anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/glaucia_cristiani_montoro.pdf >. Acesso em: 16 jun. 2013.

⁴³ “Reconhecimento da existência do outro ou de outra personalidade” (BORBA, Francisco F. (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 54).

entre as duas disciplinas ampliou alguns conceitos básicos para se pensar a relação do encontro entre culturas distintas. Nesse âmbito, a autora Maria Regina Celestino, em seu texto “História e Antropologia”⁴⁴, trabalha o conceito de tradição, entendido como uma “reprodução cultural”, na qual cada receptor entende o que é transmitido de forma distinta do outro. Por isso, a tradição – em nosso caso a indígena do início do período colonial – estava em constante modificação⁴⁵.

A chegada dos espanhóis ao México e, posteriormente, à Guatemala, levou os indígenas da região maia a se adaptarem à nova realidade. Segundo Navarrete⁴⁶, as tradições históricas indígenas podem ser analisadas com maior detalhe durante este período, pois seus registros passam a ser de interesse de um público ocidental. Essa adaptação da cultura é produto histórico de um processo, pois a cultura é formada através das experiências sociais vividas.⁴⁷ As tradições indígenas passaram a se relacionar com a cultura do colonizador, objetivando não perder as identidades locais. Desta forma:

A compreensão da cultura como produto histórico, dinâmico e flexível, formado pela articulação contínua entre tradições e novas experiências dos homens que a vivenciam permite perceber a mudança cultural não apenas enquanto perda ou esvaziamento de uma cultura dita autêntica, mas em termos do seu dinamismo, mesmo em situações de intensa violência (...)⁴⁸.

Podemos perceber que os indígenas “(...) não se anularam enquanto agentes históricos e políticos (...), misturaram-se com diversos grupos étnicos e sociais e incorporaram novas práticas culturais e políticas que souberam utilizar para amenizar perdas ou obter possíveis ganhos”⁴⁹. E as tradições, possivelmente, mantiveram-se durante

⁴⁴ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012, p. 151-168.

⁴⁵ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Op. Cit., p.153.

⁴⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000, p. 4.

⁴⁷ THOMPSON, E.P. *Miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 apud ALMEIDA, Maria Regina. Op. Cit., p. 154.

⁴⁸ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Op. Cit., p. 156.

⁴⁹ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Op. Cit., p. 157.

esse encontro de práticas, pois tanto elas como as identidades foram reelaboradas durante a colonização.⁵⁰

Esses grupos mantinham suas tradições, assim como as modificavam ao longo das gerações, a fim de reconfirmarem a veracidade de suas histórias e redefinirem sua identidade, bem como defenderem sua posição política e cultural.⁵¹ Essa identidade, segundo Navarrete, foi mantida a partir da transmissão oral e escrita, que passou de geração em geração, porém, durante o século XVI e XVII a tradição histórica indígena teve que adaptar-se à introdução da escrita alfabética latina. Com essa nova adaptação, os argumentos indígenas modificaram-se devido ao poder espanhol no México. As tradições procuraram ser fiéis ao seu passado para não perderem sua legitimidade frente aos indivíduos de suas comunidades e, por outro lado, procuraram se adaptar ao modelo colonial.⁵²

Assim como a tradição, a identidade estava sujeita a mudanças devido às relações de contato. Os indígenas adotaram identidades cristãs visando possíveis ganhos, o que gerou, inicialmente, uma dupla identidade. O diálogo entre identidades distintas, de acordo com Almeida, é entendido como “(...) processos de apropriações e ressignificações culturais (...)”⁵³, nos proporcionando novas perspectivas em relação ao contato na América.

1.3 – As fontes

A partir de meados do século XVI e durante todo o período colonial, diversos livros de tradição indígena foram produzidos na região atual do México e Guatemala. As “Literaturas Maias”⁵⁴ fazem parte de um conjunto maior de fontes que foram elaboradas durante o período colonial nessas áreas e em outras regiões vizinhas ocupadas por grupos culturais maias. Nesta pesquisa serão utilizadas duas fontes maias das Terras Altas, as quais

⁵⁰ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Op. Cit., p. 162.

⁵¹ NAVARRETE, Federico. Op. Cit., 1998, p. 59.

⁵² NAVARRETE LINARES, Federico. Op. Cit., 2000. p. 3-4.

⁵³ ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Op. Cit., p. 166.

⁵⁴ Expressão utilizada pela autora Mercedes de la Garza para se referir ao corpus de documentos produzidos por indígenas ou mestiços da região maia (GARZA, Mercedes de la. *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980).

pertencem a grupos étnicos distintos; são elas: *Memorial de Sololá* e *Título de los Señores de Totonicapan*. A primeira pertence ao grupo étnico *cakchiquel* e a segunda aos *quichés*.

O manuscrito *Memorial de Sololá* relata a história do povo *cakchiquel*. Escrito no final do século XVI, possui o relato da miséria em que este povo vivia após a chegada dos espanhóis em seu território:

(...) este libro se conservo en el pueblo de Sololá, cabecera de corregimiento, situado en una montaña que domina el Lago de Atitlán, y fue recogido más tarde por los religiosos de San Francisco, que administraban espiritualmente la región.⁵⁵

Em visita à Guatemala, em 1844, Don Juan Gavarrete, quem transcreveu documentos relativos à história do país, encontrou o manuscrito de Sololá. No ano seguinte chega à Guatemala Charles Etienne Brassuer de Bourbourg, dedicado ao estudo da história e das línguas dos indígenas guatemaltecos. Brassuer de Bourbourg tomou conhecimento do manuscrito e o traduziu para o francês. Ele compreendeu que o documento era importante para a história do país e, antes de regressar à Europa, Brassuer fez uso do manuscrito para compor sua *“Historia des Nations Civilisées du Mexique et de L’Amérique Central”*, na qual incluiu algumas passagens do manuscrito de Sololá, sem nunca o ter publicado integralmente⁵⁶. Antes de retornar à Europa, Brassuer deixa uma cópia de sua tradução em francês para Gavarrete, publicando-o em 1873⁵⁷. A tradução completa do *Memorial de Sololá* para o espanhol se deve ao licenciado Don J. Antonio Villacorta, publicada na Guatemala em 1934.⁵⁸

O livro dos *cakchiqueles* teve como título “Memorial de Tecpán-Atitlán”. A denominação se deu em razão de ter sido escrito em Tzololá - comunidade indígena dos *cakchiqueles* - junto ao Lago de Atitlán. Entretanto, seu título veio a ser substituído pelo nome do centro comercial, Sololá (que chegou a ser um centro importante para a nação

⁵⁵ RECINOS, Adrián. Memorial de Sololá. In: GARZA, Mercedes de la. *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980, p. 103.

⁵⁶ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 105.

⁵⁷ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 104.

⁵⁸ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 17.

cakchiquel). Desta forma, o livro dos *cakchiqueles* teve seu título modificado para o que conhecemos hoje: *Memorial de Sololá*.

O *Memorial de Sololá* não foi escrito somente por uma mão. Em seu início foi escrito por duas pessoas, porém, em seguida ocorre a intervenção de diversas outras pessoas.⁵⁹ Neste documento pode-se encontrar, de um modo geral, a vida da comunidade indígena *cakchiquel*, desde o surgimento dos ancestrais fundadores, como o período de migração, fundação de sua capital e a chegada dos espanhóis.

*La narración prosigue de la misma mano por algún tiempo, pero es indubable que, en la última época, varias personas tuvieron acceso al libro cakchiquel convirtiéndolo en una especie de diario de la comunidad indígena, en el cual se registraron nacimientos y muertes, tránsito de viajeros importantes, disputas de tierras, incendios de casas y plantíos, eclipses, terremotos, prisiones, socorros a gentes necesitadas, contribuciones, gastos comunes, compra de companas (¿), retablo y órgano para la iglesia, etc, etc.*⁶⁰

Este manuscrito se inicia com a história dos antepassados da comunidade, não dedicando muito espaço para a cosmogonia, uma vez que a criação do homem é descrita em poucas linhas. Para Recinos⁶¹, o Memorial confirma a história do Popol Vuh, no que diz respeito à criação do Mundo. Sua contribuição é valiosa para a história, pois descreve as primeiras fundações dos índios, a conquista espanhola e o primeiro século da colonização. De acordo com o historiador norte-americano Justin Winsor⁶², o que torna o manuscrito Sololá um importante documento da história indígena é o fato de proporcionar uma versão indígena da história da conquista da Guatemala pelos espanhóis.

Já o *Título de los Señores de Totonicapán*, foi escrito em língua *quiché* da Guatemala durante o século XVI. Neste livro encontramos a história do governante Quikab, desde seu nascimento até a época de seu maior prestígio; o manuscrito termina com a

⁵⁹ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 107.

⁶⁰ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 109-110.

⁶¹ RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p.110.

⁶² RECINOS, Adrián. Op. Cit., 1980, p. 113.

expedição do governante Quikab, a partir de sua saída da capital *quiché*, Chi Gumarcaah Izmachí, até a costa do Pacífico. A primeira tradução do documento para o espanhol se deve ao padre José Chonay.⁶³ A narração do documento não vai além do reinado de Quikab, pois com a conquista espanhola a nação quiché perde sua liberdade.

Em viagem à Guatemala, Brasseur de Bourbourg também reconheceu a importância deste manuscrito para a história dos *quichés* e utilizou uma cópia em seus trabalhos. Após sua morte, Alphonse Pinart adquiriu a cópia, mas outras traduções foram sendo realizadas a partir de outras cópias. Foi organizado um pequeno volume com este material, conhecido hoje como *Título de los Señores de Totonicapán*.⁶⁴ A cópia de Brasseur de Bourbourg encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de França. Não se sabe onde se localiza o documento original. Julga-se o conteúdo deste documento a partir da tradução do Padre Chonay.⁶⁵

1.4 - A estrutura dos documentos do Memorial de Sololá e Título de los Señores de Totonicapán

Os documentos produzidos durante o período colonial foram reescritos pelas elites governantes do grupo étnico no poder. Em nosso caso usamos dois documentos escritos pelos grupos étnicos *cakchiquel* e *quiché*. A tradição que antes era declamada através da oralidade, com o contato passou a ser fixada no papel, pois para a cultura do ocidente o conhecimento não se perde se for registrado através da escrita, além de facilitar o acesso para realizar consultas aos registros históricos, o que a oralidade não permitia.⁶⁶ Essa transformação ocorrida no período colonial possibilitou aos indígenas reelaborarem seus documentos históricos em novos formatos e usando um novo sistema de escrita, preservando suas histórias para as futuras gerações e, ao mesmo tempo, atendendo ao novo público, o ocidental europeu.

⁶³ TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948, p 211.

⁶⁴ RECINOS, Adrián. Título de los Señores de Totonicapan: introducción. In: GARZA, Mercedes de la (org.). *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980, p. 391.

⁶⁵ RECINOS, Adrián. Advertência. In _____. *Título de los Señores de Totonicapan*. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 211.

⁶⁶ RABASA, José. *Ecografías de la voz en la historiografía nahua*. Historia y Grafia. México: Departamento de Historia, Universidad Iberoamericana, p. 105-151, 2005, p. 116-118.

Os documentos aqui analisados⁶⁷, o *Memorial de Sololá* e o *Título de los Señores de Totonicapán*, são documentos híbridos, pois neles encontramos elementos ocidentais e indígenas. A cultura do indígena passou a conviver com a cultura do colonizador, não apenas pelos elementos ocidentais que encontramos nesses documentos, mas pela própria forma de se narrar as histórias. Os indígenas procuraram, nesses documentos, legitimar seus territórios, seus governantes e seus grupos perante os espanhóis, os seus vizinhos de outras etnias e as futuras gerações de suas próprias comunidades. Por não termos acesso aos documentos pré-hispânicos, queimados durante a chegada dos colonizadores, esses manuscritos nos permitem conhecer algumas das tradições históricas desses grupos e as histórias de fundação de seus *altepeme*⁶⁸ até a chegada dos espanhóis.

Nossas fontes são dois documentos de origem maia, dos grupos étnicos *quiché* e *cakchiquel*, ambos da região das Terras Altas da Guatemala. O *Memorial de Sololá*⁶⁹ foi produzido, provavelmente, em 1573, e o *Título de los Señores de Totonicapán*⁷⁰, possivelmente, em 1554. Os dois documentos tratam, em suas narrações, desde sua saída de um local chamado Tula até a fixação de seu grupo étnico em seu *altépetl*.

O *Memorial de Sololá* é organizado da seguinte maneira: na primeira parte, o autor relata quem são os primeiros pais e avós do grupo étnico *cakchiquel*; a saída dos antepassados da cidade de Tula; a migração realizada pelos primeiros ancestrais e os acontecimentos sucedidos durante esta caminhada até a fixação do grupo étnico na sua capital definitiva; o início do conflito com o seu grupo rival, os *quichés*; a revolução que marcou a história do passado *cakchiquel*, pois foi em sua capital que os *quichés* foram, de fato, derrotados pelos *cakchiqueles*; os conflitos com grupos inimigos; dentre outros

⁶⁷ Nesta pesquisa utilizamos a edição dos documentos publicados por Adrián Recinos. Não tivemos acesso aos documentos originais do Totonicapán e do Memorial de Sololá, portanto as páginas citadas são referentes à edição de 1948 feita por Recinos, e não dos documentos originais.

⁶⁸ Em língua *náhuatl*, *Altepeme* é o plural de *Altépetl*. E *Altépetl* se refere a um território independente, constituído por um centro de população e territórios ao redor.

⁶⁹ Utilizamos aqui a edição de Adrián Recinos, publicada em 1948 pela Fondo de Cultura Económica. A edição do documento do Memorial de Sololá tem início na página 45 e vai até a página 207 (MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948).

⁷⁰ Utilizamos para esta pesquisa a edição organizada por Adrián Recinos, de 1948, e publicada pela editora Fondo de Cultura Económica. A edição do documento de Totonicapán tem seu início na página 215 e termina na página 242. (TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948).

eventos. Nesta primeira parte do documento, que começa na página 47⁷¹ e termina na página 123 da edição de Recinos⁷², ele é organizado por partes enunciadas por títulos. Em cada uma dessas partes foi colocado um título e, em seguida, narrado o evento (ou os eventos) do passado que o autor do manuscrito julgou importante. A segunda parte do documento inicia-se com a chegada dos espanhóis. Podemos perceber, através dos elementos presentes, que os indígenas *cakchiqueles* passaram a adotar alguns costumes da cultura ocidental, sobretudo, os relacionados à religião; fala-se também da evangelização; de uma epidemia que os indígenas enfrentaram e as mortes que ela causou; dentre outros aspectos. A partir da página 154 da edição de Recinos o documento ganha o formato de anais, no qual o ano é o elemento organizativo do texto: coloca-se o ano e abaixo se narra um determinado evento, prosseguindo desta forma até a página 195.

Já o *Título de los Señores de Totonicapán* é dividido por capítulos, seguidos por títulos. No capítulo primeiro se narra “*El viaje de las naciones quichés y otros pueblos agragador*”, que ocupa as páginas 215 até a 217 da edição de Recinos⁷³; capítulo segundo: “*separación de los pueblos*”, o qual começa na página 218 e termina na 222; capítulo tercero: “*de los empleos, dignidades y honores*”, começando na página 222 até a 223; capítulo cuarto: “*outro viaje al Oriente*”, da página 223 até a 224; capítulo quinto: “*de la geneologia de Balam-Qitzé. Temores de los nahuales y peregrinación de la nación quiche*”, o qual começa na página 224 indo até a página 230; capítulo VI: “*casamiento de Qotuhá y otras particularidades*”, tendo seu inicio na página 230 e final na 233; capítulo séptimo: “*resultados de la muerte de Qotuhá. Reunión de muchos pueblos*”, da página 234 até a 236; capítulo octavo: “*espedición de los caudillos nuevamente electos y nombrados Agalel y Ahpop y fueron trece de Culahá, doce de Tzihbachah y ocho de los llamados Tzalam-Coxtum*”: começando na página 236 até a 242.

Tanto o *Memorial de Sololá* como o *Totonicapán* se estruturam de forma parecida. Ambos iniciam suas histórias relatando um pouco de sua cosmogonia, mas não dedicam muito espaço a ela, diferentemente do que acontece no documento conhecido como Popol

⁷¹ Não tivemos acesso ao documento original. Utilizamos aqui a publicação do documento por Andrián Recinos tanto do *Memorial de Sololá* quanto do *Totonicapán*.

⁷² MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

⁷³ TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948.

Vuh⁷⁴, que tem o mito cosmogônico mais completo da *Mesoamérica*. Após a história de origem, a narração segue para as migrações realizadas pelas comunidades até o seu estabelecimento em seu território definitivo, aonde a comunidade vai se fixar e se multiplicar. O *Memorial de Sololá*, diferentemente do *Totonicapán*, narra ainda a chegada dos espanhóis e os anos que se sucedem à colonização e evangelização nas Terras Altas da área maia.

É interessante notar que os documentos são organizados por títulos e datas, em estrutura de anais, como na cultura europeia. Acreditamos que este tipo de estrutura foi adotado em decorrência da relação com a cultura do *Outro*, pois as histórias dos documentos pré-hispânicos eram estruturadas através de imagens e símbolos.⁷⁵ No *Memorial de Sololá*⁷⁶, na edição aqui utilizada, a introdução de títulos antes de se narrar um evento tem início na página 72 e vai até a página 154; após esta página o documento ganha formato de anais. Já no *Totonicapán*, na edição também de Recinos, o documento é dividido em capítulos seguidos de títulos, nos quais narra seus eventos.

A diferença principal entre esses documentos, no que se refere à organização das informações, pode ser percebida na importância das datas para as histórias. O *Memorial de Sololá* é mais datado do que o *Totonicapán*. A primeira fonte faz um uso maior das datas para demarcar seus eventos do que a segunda fonte. Além disso, no *Memorial* se utiliza o calendário mesoamericano e o calendário ocidental em suas histórias, como podemos ver nas citações abaixo:

Estaba para terminar el décimocuarto año después de la revolución cuando murió también nuestro abuelo Oxlahuh Tz'í. **Murió el día 3 Ahmak [20 de julio de 1508]**. Este rey se había hecho temer verdaderamente por su poder. Jamás fue vencido desde el día en que nació; hizo muchas guerras y conquistó muchas ciudades hasta el día en que murió (...) ⁷⁷ (grifo nosso).

⁷⁴ POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011.

⁷⁵ Esta suposição está relacionada aos documentos sobreviventes da região maia.

⁷⁶ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 47-207.

⁷⁷ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 116.

En el curso de este año se reanudó la guerra con los quichés. **El día 8 Ganel [12 de mayo de 1511]**, entramos al Quiché, gobernando Hunyng, nuestro abuelo, y el Nimá Ahpop Achí, abuelo vuestro, cuando llevaron la guerra al Quiché (...) ⁷⁸(grifo nosso).

As estruturas dos documentos, expostas acima, contendo a introdução de datas, títulos, divisão em capítulos, dentre outros elementos, fizeram parte de uma adaptação indígena para registrar suas tradições históricas e seu passado frente ao novo contexto, marcado por novas necessidades. Esta nova estrutura surge a partir do contato com a cultura do europeu, pois seus eventos são narrados de forma cronológica pelos autores dos documentos em tela.

Antes do período colonial os documentos pré-hispânico eram elaborados em formato de códice, usando sistema de escrita *pictoglífico*⁷⁹ (combinação de elementos pictóricos e glíficos). Esses códices eram elaborados por especialistas⁸⁰ e interpretados diante de sua comunidade. Com a introdução da escrita alfabética, os registros históricos vão se estruturar de forma distinta, pois a situação de contato vai reestruturar a sua forma de conceber a história.

⁷⁸ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 117.

⁷⁹ Santos define o termo “pictoglífico” como um sistema de escrita não alfabético no qual ocorre uma combinação entre elementos pictóricos e glíficos (SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictoglífica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, vol. 14, p. 241-258, 2004, p. 241-243).

⁸⁰ Os *tlacuilos* eram os responsáveis pela produção dos livros indígenas. E os livros eram lidos pelos membros das elites indígenas que aprenderam o sistema pictográfico ou pictoglífico, ensinado aos seus membros de geração em geração.

CAPÍTULO 2

A PERCEPÇÃO DO PASSADO NO PERÍODO COLONIAL E OS ELEMENTOS LEGITIMADORES DAS LINHAGENS QUICHÉ E CAKCHIQUÉL

2.1- A alteridade na construção do Eu

Durante o século XVI a *Mesoamérica* passou por um período de transformações ocorrido pela conquista e colonização espanhola e evangelização dos nativos. Foi um período de violência, queima de documentos indígenas considerados idolátricos, perda de poder da elite indígena e, sobretudo, o encontro cultural entre espanhóis e nativos americanos. O encontro entre o *Eu* (indígena) e o *Outro* (europeu) gerou transformações nas tradições indígenas, o que provocou a construção de novas identidades durante o período colonial.

A relação com esse *Outro* europeu trouxe modificações a todas as culturas mesoamericanas. Os livros históricos e as tradições orais das comunidades passaram por um processo de hibridismo cultural, resultando na interação de elementos, tanto da tradição mesoamericana quanto da ocidental, os quais passaram a conviver.

Segundo Vainfas,

(...) o conceito de alteridade se refere às visões acerca 'outro' e às atitudes em face do 'outro', podendo referir-se ao *ethos* cultural, religioso, político, étnico, sexual ou a qualquer grupo, enfim, distinto da identidade auto-construída pela sociedade emissora de discursos sobre o 'outro' (...).⁸¹

⁸¹ VAINFAS, Ronaldo. Alteridade. In: MEDEIROS, Sabrina Evangelista; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; VIANNA, Alexander Martins (org). *Dicionário crítico do pensamento do Direito: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Maud, 2000, p. 40-41.

A diferença entre duas culturas distintas se torna mais evidente, de acordo com Hartog⁸², quando ambas entram num mesmo sistema. Quando essa diferença é dita ou transcrita para alguém, inicia-se um trabalho de busca de elementos do *Outro* para o próprio, o que gera o problema da tradução. No caso dos europeus, por exemplo, segundo Montoro, ao traduzir elementos da cultura do *Outro* indígena, o europeu acaba fazendo referência “(...) a mitos, cerimônias e costumes indígenas que tenham paralelo com aspectos da cultura ocidental cristã (...). Para traduzir a cultura do outro, utilizam comparações com elementos de sua própria cultura (...)”⁸³.

A forma como nos relacionamos com a cultura do *Outro* nos leva ao paradoxo do *universalismo*, que é oposto ao *relativismo*. Segundo Eriksen e Nielsen, o primeiro “(...) identifica aspectos e semelhanças comuns (ou mesmo universais) entre diferentes sociedades (...)”⁸⁴, enquanto o segundo “(...) enfatizaria a singularidade e particularidade de cada sociedade ou cultura”⁸⁵. O pensamento universalista, então, enxerga mais a semelhança do que a diferença em uma sociedade distinta da sua, pois sua própria sociedade é o modelo e a base para a compreensão do *Outro*.

Durante o período de colonização na América hispânica os missionários procuraram estabelecer um pensamento universal cristão, principalmente com os elementos que dizem respeito ao Gênesis. O processo de catequização pelo qual os indígenas passaram, lhes permitiu o contato com as histórias bíblicas e possibilitou também o conhecimento da cultura do *Outro* (europeu).

Assim como os missionários, os quais, na opinião de Montoro, buscavam elementos da cultural indígena para encaixá-las em suas crenças, sobretudo nos conteúdos relacionados aos Gênesis, os indígenas também buscaram, provavelmente, características da cultura do *Outro* para encaixá-las em sua religião e outros aspectos de sua cultura. Desta forma, segundo Montoro:

⁸² HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, p. 229.

⁸³ MONTORO, Gláucia C. O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis. *Revista Tempo*, vol. 19, n. 35, p.143-160, Jul. – Dez. 2013, p. 154.

⁸⁴ ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 11.

⁸⁵ ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. Op. Cit., 2007, p. 11.

(...) as analogias, então, não deviam ser realizadas somente pelos missionários, mas também pelos indígenas, pois quando ouviam as histórias cristãs nas pregações ou leituras dos catecismos deviam naturalmente fazer conexões com seus conhecimentos da antiga religião.⁸⁶

A relação de contato entre nativos e colonizadores é pensada aqui a partir do conceito de “tradução” trabalhado pela autora Cristina Pompa⁸⁷, no qual a proposta de tradução se dá a partir de estratégias, levando em conta o contexto cultural e as diversidades antropológicas, identificando elementos na cultura do *Outro* para se reconhecer em seu próprio mundo, o *Eu*. De acordo com a autora,

(...) os elementos “alheios” foram absorvidos pela cultura indígena porque inseriam-se num preciso contexto significativo, isto é, *faziam sentido*. A criação de um sistema original de representações (uma “cultura híbrida”, diria Vainfas, ou uma “cultura mestiça” diria Gruzinski) foi uma tentativa nativa de refundar o sentido (...).⁸⁸

O contato entre o indígena e o colonizador trouxe modificações às sociedades indígenas, sobretudo, em suas histórias, e o que diferencia os documentos pré-colombianos dos documentos produzidos durante o período colonial, de acordo com Montoro, é, principalmente, a presença de elementos ocidentais em sua estrutura. Vale ressaltar, no entanto, que essas modificações e a presença de elementos da cultura do *Outro* a partir de um contato, não é uma característica particular do contato sucedido durante o processo de colonização e evangelização, mas é um processo comum em qualquer sociedade quando esta entra em contato com uma cultura distinta da sua.⁸⁹

⁸⁶ MONTORO, Gláucia C. Op. Cit., 2013, p. 160.

⁸⁷ POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

⁸⁸ POMPA, Maria Cristina. Op. Cit., 2001, p. 7.

⁸⁹ MONTORO, Gláucia Cristiani. O conceito indígena através dos códices coloniais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: ANPHLAC2004, p. 5. Disponível em: < anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/glaucia_cristiani_montoro.pdf >. Acesso em: 16 jun. 2013.

O aprendizado do alfabeto latino, uma das modificações ocorridas na sociedade indígena, deu oportunidade aos indígenas para reescreverem suas antigas histórias em uma nova tradição de escrita, produzindo, assim, documentos híbridos, nos quais a cultura do colonizador passa a conviver com a cultura do nativo. O processo de reinterpretação de suas histórias a partir do contato com as histórias bíblicas, por exemplo, fez com que os nativos reinterpretassem sua antiga religião com os elementos daquele novo momento. Os indígenas passaram a adotar elementos ocidentais na estrutura narrativa de suas histórias, estruturando-os, inclusive, com base nas tradições de escrita e produção de livros ocidentais.

De acordo com Beatriz Perrone-Moisés, que traduziu a edição brasileira do livro *A colonização do imaginário*, de Serge Gruzinski, o que caracteriza o mundo colonial no Novo Mundo são os “processos de transformação cultural”. Ela nos explica que os espanhóis, a fim de conhecerem melhor o mundo indígena, elaboraram questionários obrigando os nativos a “reformularem sua visão do passado pré-hispânico”⁹⁰. Os indígenas tiveram que readaptar suas tradições, abandonando alguns costumes que eram vistos pelos espanhóis como “errados”, incorporando costumes e termos inseridos pelos espanhóis ou pelas circunstâncias coloniais em suas tradições. No entanto, as antigas tradições, possivelmente, não deixaram de ser praticadas pelos indígenas. Deve ter ocorrido um afastamento devido às perseguições às práticas ancestrais como, por exemplo, os sacrifícios humanos e a adoração aos deuses.⁹¹

Em suma, a colonização e evangelização realizadas durante a primeira metade do século XVI na América hispânica trouxe significativas transformações para as sociedades que ali se encontravam. O contato entre o *Eu* e o *Outro* proporcionou conexões recíprocas: o evangelizador precisava conhecer o “mundo” indígena antes de dar início à evangelização, e relacionava o que enxergava na cultura do *Eu* com a sua cultura, e o indígena passou a reinterpretar seu passado pré-hispânico a partir do contato com a ideologia Católica e a cultura do colonizador.

⁹⁰ GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 10.

⁹¹ GRUZINSKI, Serge. Op. Cit., p. 33-41.

Desta forma, buscaremos traçar a percepção de passado para os autores indígenas dos documentos selecionados para esta pesquisa, levando em conta o período (período colonial) no qual foram escritos, a fim de evidenciar quais elementos da tradição histórica indígena se fizeram importantes para dar legitimidade às histórias das linhagens governante estudadas.

2.2 - A percepção do passado para as comunidades quiché e cakchiquel na reelaboração de suas histórias.

De acordo com Navarrete Linares, as classes dirigentes de cada *altépetl* eram as encarregadas de conservar e transmitir as tradições históricas de cada comunidade para as futuras gerações. Essas histórias eram contadas pelos membros das elites indígenas durante o período pré-hispânico e não deixaram de ser transmitidas durante o período colonial. As histórias dos *altepeme* tomavam parte na definição da identidade de cada um dos grupos nativos, pois garantiam a legitimidade de seus governantes e defendiam seus direitos políticos e territoriais. Durante o período colonial, os descendentes das linhagens governantes permaneceram defendendo seus direitos e territórios.⁹²

Iniciaremos nossa análise falando um pouco sobre os autores dos documentos aqui estudados. O manuscrito conhecido como *Memorial de Sololá* (do grupo étnico *cakchiquel*) é assinado por dois indígenas, os quais se identificam ao longo do documento. O Memorial foi escrito por dois descendentes da linhagem Xahilá. São eles: Francisco Hernández Arana e Francisco Díaz. O primeiro escreve a história desde a cosmogonia até o ano de 1581 e o segundo a partir de 1582. Podemos notar os nomes dos autores em duas passagens do manuscrito: “*Nació Catalina, hija de Pedro Ramírez y mi hija ante Dios [ahijada], yo Francisco Hernández Arana, en el mês de diciembre del año de 1581*”⁹³; “*Yo, el viejo Francisco Díaz, mayordomo, me hice cargo de mi empleo*”⁹⁴.

Já o *Título de los Señores de Totonicapán* (do grupo étnico *quiché*) é escrito pela comunidade Cavikib, pelos descendentes de Balam-Quitze. Ao fim do documento podemos

⁹² LINARES, Federico Navarrete. *Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM - Instituto de Investigaciones Históricas, 2011, p. 11-17.

⁹³ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 158.

⁹⁴ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 163.

notar que alguns descendentes assinam a história narrada: “*Firmamos nosotros los primogénitos de Cavikib, nosotros los descendientes de Balam-Qitzé*”⁹⁵.

Nesta etapa do trabalho buscaremos traçar a percepção desses autores indígenas sobre o passado de seus grupos, evidenciando quais elementos da tradição histórica indígena se fizeram importantes para dar legitimidade à sua linhagem - que se encontrava no poder no período de confecção dos manuscritos -, frente aos espanhóis e às demais comunidades maias de seu território.

Os documentos analisados nos relatam a história dos grupos desde o mito cosmogônico, até a fixação definitiva no *altépetl* correspondente. O *Memorial de Sololá* vai um pouco além da fundação de seu território, narrando também a chegada dos espanhóis e as transformações que o contato trouxe para sua comunidade.

Tanto no *Totonicapán* quanto no *Memorial de Sololá* é descrito o nome dos principais ancestrais, aqueles que deram origem às linhagens e que forneceram a veracidade às histórias narradas, pois foram eles que viveram os principais acontecimentos da comunidade. A presença dos ancestrais pode ser observada na citação abaixo, presente na primeira parte do *Memorial de Sololá*:

*Escribiré las historias de nuestros primeros padres y abuelos que se llamaban Gagavitiz el uno y Zactecauh el otro; las historias que ellos nos contaban: que del otro lado del mar llegamos al lugar llamado Tulán, donde fuimos engendrados y dados a luz por nuestras madres y nuestros padres ¡oh hijos nuestros!. Así contaban antiguamente los padres y abuelos que se llamaban Gagaviz y Zactecauh, los que llegaron a Tulán, los dos varones que nos engendraron a nosotros los Xahilá.*⁹⁶

No *Títulos de los Señores de Totonicapán* também observamos o destaque aos ancestrais. Estes foram os primeiros homens e fundadores das primeiras linhagens que habitaram a terra:

⁹⁵ TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 241.

⁹⁶ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 47.

*Fueron cuatro los principales caudillos: el primero se llamó Balam-Qitzé, abuelo y padre de nosotros los Cavekib; el segundo Balam-Agab, abuelo y padre de los de Nihayib; el tercero Mahucutah, tronco y raíz de los Quichés; el cuarto se llamó Iqi-Balam. Éstos fueron los jefes de la primera nación o primera parcialidad de quiches (...).*⁹⁷

A importância desses ancestrais para as histórias, em nosso caso *quiché* e *cakchiquel*, é porque são eles os fundadores das tradições históricas indígenas e os responsáveis por mantê-las vivas, transmitindo-as às futuras gerações. A presença dos ancestrais também indica veracidade dos conteúdos narrados, porque foram eles que participaram dos principais acontecimentos da história da comunidade, e sabiam interpretar os livros da tradição de sua comunidade através da oralidade.⁹⁸

Dos ancestrais presentes nas fontes, há sempre um que ganha destaque nas narrações, pois os autores dos documentos são seus herdeiros. Esse personagem, normalmente, é quem dá origem à linhagem que elabora o documento, cujo poder foi recebido em Tula, o que lhe confere legitimidade frente à sua própria comunidade e às comunidades vizinhas. Navarrete Linares explica que: “(...) *la tradición es definida como una herencia que pasa de generación en generación y que vincula a los antepasados, con la generación actual, que son sus transmisores, y también con las generaciones futuras, los hijos y los nietos.*”⁹⁹

No Memorial, a linhagem que detém o poder de transmissão da tradição é a linhagem governante dos Xahilá, descendentes de Gagavitz e Zactecauh. Já no *Totonicapán*, a linhagem governante que se encontra no poder são os descendentes de Balam-Qitzé, um poderoso governante para o grupo étnico *quiché*. Sendo assim, os responsáveis pela transmissão da tradição que elaboraram esses manuscritos durante o período colonial foram Francisco Hernández e seu irmão Francisco Díaz. Portanto, a prática

⁹⁷ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., 1948, p. 215.

⁹⁸ NAVARRETE L., F. Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 60.

⁹⁹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000, p. 6.

de transmitir seu antigo passado para a geração seguinte ainda permaneceu no período colonial.

A autora Carla de Jesus Carbone aponta que o governante, durante o período pré-colombiano, justificava perante sua comunidade e os grupos étnicos vizinhos seu poder por meio de seu passado pré-hispânico. Ademais, os membros nativos do *altépetl* e a legitimidade do governante era confirmada também pela tradição histórica pré-colombiana e pela sua passagem ou origem por uma cidade.¹⁰⁰ Notamos, assim, que os governantes dos Xahilá e de Balam-Quitze deram continuidade a esta prática pré-hispânica, justificando seu poder por meio de sua tradição histórica, tanto quando mencionam seus ancestrais fundadores, assim como pela passagem do grupo por uma cidade, que em nossas fontes é a cidade de Tula, um elemento que se faz presente tanto no *Totonicapán* quanto no *Memorial de Sololá*. Tula foi a cidade de saída dos grupos étnicos *quiché* e *cakchiquel*. A passagem por Tula marca o início das migrações dos grupos maias supracitados.

Segundo a autora Carla de Jesus Carbone,

(...) as histórias das migrações nahuas, desde a saída de um local primordial até a fundação de seu *altepetl* – como México-Tenochitlan -, representariam a conformação da unidade relativa de suas partes constitutivas e teriam um papel fundamental na legitimidade do *tlatoani*, ou *governante*, e na posse do novo território (...)¹⁰¹

Embora a autora tenha como objeto de seu estudo a cultura nahua, e nosso objeto são os maias, sua observação a respeito das migrações e conformação da legitimidade do governante também se enquadra em nossa análise, pois ambas as fontes (*Memorial de Sololá* e *Título de los Señores de Totonicapán*) buscaram legitimar seu governo e seus territórios para o governo espanhol, para as próprias comunidades e para as comunidades vizinhas usando mecanismos pré-hispânicos. O uso de determinados símbolos para a obtenção da legitimidade do governante e de seu *altépetl* já era uma prática realizada

¹⁰⁰ CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 16-17.

¹⁰¹ CARBONE, Carla de Jesus. Op. Cit., p. 14.

durante o período pré-hispânico, como aponta a autora Carla de Jesus Carbone¹⁰². Nos documentos aqui estudados esta prática permaneceu sendo defendida durante o período colonial pelas elites governantes.

A fundação do *altépetl* pelas comunidades quiché e *cakchiquel* teve seu início, como mencionamos acima, a partir da passagem dos grupos por uma cidade em comum, Tula. Segundo Carbone, diversos grupos da região da *Mesoamérica* (nahuas, mixtecos ou maias) tinham algo em comum em suas tradições pré-hispânicas. As tradições históricas desses grupos mencionam um lugar de origem ou de passagem que se tornou importante para a história do grupo étnico; esse lugar seria *Chicomoztoc* para os grupos do México Central.¹⁰³

Tendo em vista as reflexões apresentadas por Carbone em relação a *Chicomoztoc*, percebemos uma semelhança entre a simbologia deste local, que aparece nas tradições históricas do Vale do México, com a Tula da área maia, presente tanto no *Memorial de Sololá* quanto no *Totonicapán*, assim como em outros documentos, como o *Popol Vuh*¹⁰⁴. Acreditamos que Tula cumpra uma função análoga a *Chicomoztoc*, pois nos três documentos das Terras Altas da Guatemala Tula é descrita como um local de passagem e confirmação do poder dos ancestrais dos grupos tratados nos documentos.

A citação que se segue nos mostra que os fundadores dos grupos *quiché* e *cakchiquel* tiveram passagem por Tula:

(...) *Así, pues, éramos cuatro familias las que llegamos a Túlan, nosotros la gente **cakchiquel**, ¡oh hijos nuestros!, dijeron.*

¹⁰² CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

¹⁰³ CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 28.

¹⁰⁴ O *Popol Vuh* também é um documento das Terras Altas da Guatemala e pertence, assim como o *Totonicapán*, ao grupo étnico quiché. Porém, o *Popol Vuh* é um documento que nos traz mais uma história cosmogônica. A cidade de Tula também aparece neste documento como sendo a cidade de saída de diversas tribos. Saindo de Tula as tribos se dividem e cada uma segue o seu caminho: “(...) E então a língua das Tribos mudou. Sua palavra se tornou diferente. Não mais claramente Podiam se compreender entre si Quando vieram a Tula E lá elas se separaram. Houve os que foram para o oriente E muitos que vieram para cá (...)” (POPOL VUH. São Paulo: Iluminuras, 2011, p 291 (5.310).

*Allí comenzaron los **Caveki**, que engendraron a los llamados Totomay y Xurcah.*

Allí comenzaron también los Ahquehay que engendraron a Loch y Xet.

Comenzaron igualmente los Ah Pak y Telom, que engendraron a los llamados Qobakil.

De la misma manera dieron principio también allí los Ikomagi (...) ¹⁰⁵(grifo nosso).

A citação acima foi retirada do *Memorial de Sololá*, e nela podemos identificar que algumas tribos passaram pela cidade de Tula ou Tulan. Dentre os grupos citados podemos identificar os *cakchiqueles* e o grupo Caveki, a linhagem governante dos *quiché*.

Após a saída de Tula, os *cakchiqueles* e *quichés* iniciam suas migrações. Os *cakchiqueles* dominaram alguns territórios, enfrentaram conflitos com outros grupos, se assentando em locais onde ficariam por algum tempo e depois os abandonavam. O objetivo da comunidade *cakchiquel* era encontrar sua capital, onde se assentariam definitivamente. Com a migração, as parciaisidades se dispersaram e cada uma encontrou o seu caminho.

En seguida nos dispersamos por las montañas; entonces nos fuimos todos, cada tribu tomó su camino, cada familia siguió el suyo. Luego regresaron al lugar de Valval Xucxuc, pasaron al lugar de Memehuyú y Tacnahuyú, así llamados. Llegaron también a Zakiteuh y Zakikuvá, así llamados. Se fueron a Meahauh y Cutamchah y de allí regresaron a los lugares llamados Zakijuyú y Tepacumán. Luego fueron a ver sus montes y sus valles; llegaron al monte Togohil donde le alumbró la aurora a la nación quiché.¹⁰⁶

No *Totonicapán*, após a abertura do mar por Balam-Qitzé, os *quichés* atravessaram e deu-se inicio à migração por parte dos líderes do grupo étnico *quiché*.

¹⁰⁵ MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Op. Cit., p. 48.

¹⁰⁶ MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Op. Cit., p. 63.

(...) Llegaron a la orilla de una laguna en donde había multitud de animales; allí hicieron ranchos, pero habiéndoles disgustado aquel lugar, lo abandonaron. Llegaron a un paraje llamado Chicpach; hicieron mansión, y dejando por monumento una gran piedra siguieron la peregrinación, siempre manteniéndose de raíces. Llegaron a otro paraje que nombraron Chi-Quiché: allí tardaron algún tiempo y habiéndole abandonado llegaron al fin a un cerro que llamaron Hacavitz-Chipal.¹⁰⁷

As migrações foram importantes, não apenas pela conquista de territórios por parte dos ancestrais fundadores das comunidades *quiché* e *cakchiquel*, mas também devido às alianças políticas realizadas. No *Totonicapán* o descendente do ancestral fundador tem o desejo de estabelecer aliança com a linhagem do senhor Malah, um grupo vizinho ao seu. O governante Qotuhá, descendente de Balam-Quitze, ofereceu títulos e condecorou a comunidade de Malah, pois este se tornou seu aliado ao casar sua filha com o governante dos *quichés*.¹⁰⁸ Este casamento foi ordenado pelo deus supremo Nacxit (nome em língua *quiché*), conhecido por Quetzalcoatl¹⁰⁹ em língua *nahuatl*. Então, as instruções seguidas pelo governante Qatuhá foram ordenadas por este importante deus para as comunidades mesoamericanas e citado em diversas histórias indígenas.

Deseando, pues, Qotuhá casarse con una hija del señor de la nación llamada Malah, mandó a dos [de los] suyos cuyo oficio era pedir [para el matrimonio] según las instrucciones de Nacxit. Les mandó llevar unos conejos y algunos pajarillos que debían poner en una altura en que vivía el señor de Malah, advertidos de que debían tener mucho cuidado para no ser vistos.¹¹⁰

O interesse por detrás do casamento realizado entre o governante quiché e a filha de um grupo vizinho estava relacionado, possivelmente, a questões políticas e territoriais. Na

¹⁰⁷ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 216-217.

¹⁰⁸ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 230-233.

¹⁰⁹ Quetzalcóatl foi um importante deus, fundador e tlatoani da lendária cidade de Tula (FLORESCANO, Enrique. *Quetzalcóatl y los mitos fundadores de Mesoamérica*. México: Taurus Historia, 2012.)

¹¹⁰ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 230.

citação acima o governante Qotuhá tem interesse em casar-se com a filha do senhor Malah, pois tal aliança daria mais prestígio aos quichés, uma vez que estariam relacionados à etnia do senhor Malah. Na página 233 da edição de Recinos do *Totonicapán*, um dos filhos de Qotuhá com a filha do governante Malah foi Qika-Cavizimah, que mais à frente assumiria o lugar de seu pai, se tornando um poderoso governante para a linhagem quiché.¹¹¹

O casamento entre o governante Qotuhá e a filha de Malah ocorreu durante a migração do grupo *quiché* e tanto o casamento quanto a migração foi orientada pelo deus supremo Nacxit. Em ambos os documentos (*Memorial de Sololá* e *Título de los Señores de Totonicapán*) as orientações até a fixação da comunidade em sua capital definitiva foram estabelecidas com instruções. Os *quichés* foram orientados por Nacxit até a fundação de sua capital, já a comunidade *cakchiquel* foi orientada pelo governante Qikab.

A comunidade *cakchiquel* recebeu instruções do governante Qikab logo após um conflito com os *quichés*, seu grupo vizinho, e até então aliado. O governante ordena que seu povo se encaminhe até a capital Yximché. Então, o grupo abandona sua antiga cidade Chiavar, fugindo dos *quichés*, e se deslocando em direção à cidade de Yximché, que se tornaria a capital *cakchiquel*. A citação abaixo nos fornece um resumo da situação:

*“(...) Mañana dejaréis de ejercer aquí el mando y poder que hemos compartido con vosotros. Abandonad la ciudad a estos rebeldes sucios y cochinos. Que no oigan más vuestras palabras, hijos míos. Id a vivir al lugar de Yximché sobre el Ratzamut. Ahí será vuestra capital. Construid allí vuestras casas donde vayan a fortificarse todas las tribus. Abandonad a Chiavar. Y en cuanto a vosotros, plebeyos, que mi maldición os acompañe en vuestro triunfo.” Así dijo el rey Qikab ante nuestros abuelos. Luego se despidieron los Señores. Y así recibieron nuestros abuelos las órdenes del rey. Y los quichés no los atacaron.*¹¹²

¹¹¹ Este tipo de aliança matrimonial também é encontrado na sociedade mexicana (SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. *El sistema de dominación azteca: el imperio tepaneca*. 2005. 642f. Tese (Doutorado de Antropología de América) – Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005, p. 85-88.

¹¹² MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 101.

Para os *quichés* a migração realizada até a fundação de sua capital foi orientada pelo deus Nacxit, deus fundador de Tula. Este deus foi de suma importância para os *quichés*, pois toda sua trajetória de migração foi orientada a partir dos conselhos de Nacxit, conselhos que foram buscados pessoalmente a mando do governante do grupo étnico *quiché*. Na passagem abaixo podemos notar que este deus exerceu total influência nas decisões tomadas pelo grupo *quiché*:

*Habiendo vencido a los enemigos y ganado la paz, dijo Balam-Qitzé: “Ya es tiempo de enviar embajadores a nuestro padre y señor Nacxit: que sepa el estado de nuestros negocios, que nos proporcione medios para que en lo sucesivo jamás nos venzan nuestros enemigos, para que nunca depriman la nobleza de nuestro nacimiento, que designe honores para nosotros y para todos nuestros descendientes y que, en fin, mande empleos para los que lo merezcan”.*¹¹³

De acordo com o autor Federico Navarrete era comum que a tradição histórica indígena de cada *altépetl* tivesse um deus que lhes acompanhasse desde sua saída da cidade de origem até a fixação em sua capital definitiva. Navarrete nos explica que:

*(...) Las historias de cada altépetl contaban que la deidad tutelar había acompañado al pueblo desde su remoto lugar de origen y a todo lo largo de su migración hasta el territorio donde ella misma había decidido que habrían de establecerse y fundar su entidad política. Ahí había protagonizado los milagros de fundación y así había consagrado el espacio humano, natural y sagrado del altépetl. Posteriormente el dios patrono había continuado jugando un papel clave en la vida de la entidad política, dando órdenes a sus gobernantes y fuerza militar a sus ejércitos, garantizando la fertilidad de sus cosechas y la continuidad de las lluvias, a cambio de las ofrendas y sacrificios que le hacía su pueblo. (...).*¹¹⁴

¹¹³ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 222.

¹¹⁴ LINARES, Federico Navarrete. Op. Cit., 2011, p. 27.

Durante as migrações dos grupos, a relação que eles vão ter com as comunidades vizinhas também é um ponto importante a ser analisado sobre sua percepção a respeito do passado. Tal questão é salientada pelo autor Federico Navarrete em sua obra *Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*¹¹⁵. Nela o autor nos traz uma análise das migrações realizadas pelos povos da região Central do México e suas tradições históricas, que passam a existir a partir de ancestrais fundadores. Navarrete pontua a importância da relação com grupos vizinhos para a construção da história da comunidade e de sua identidade. Esta relação também era importante para defender sua entidade política perante a sua própria comunidade e os demais grupos. Sendo assim, é importante que analisemos a relação que esses dois grupos (*quiché* e *cakchiquel*) tinham um com o outro.

A relação destes grupos é evidenciada em ambas as histórias, porém, a importância que o grupo *quiché* tem para a história do grupo *cakchiquel* é muito mais clara do que a presença do grupo *cakchiquel* na história *quiché*. Para entender melhor esse aspecto é preciso que voltemos o olhar para o período colonial, na chegada dos espanhóis à região da Guatemala, em 1524.

Encontramos no conteúdo histórico do *Memorial de Sololá* a relação desta comunidade *cakchiquel* com os *quichés*, grupo vizinho das Terras Altas da Guatemala. No documento *cakchiquel* percebemos que os *quichés* e os *cakchiqueles* permaneceram unidos após a saída de Tula. Esta união foi desfeita por interesses territoriais durante o período de migração. Bem mais tarde os *cakchiqueles* se aliaram aos conquistadores espanhóis para derrotarem os *quichés*, que continuavam avançando pelos territórios da Guatemala e era o grupo que detinha maior poder político na região.¹¹⁶

A chegada dos conquistadores foi uma oportunidade encontrada pela comunidade de Sololá para derrotar seu grupo rival, rivalidade esta que devia existir desde muitos anos, antes da fundação da capital *cakchiquel*. Esta aliança foi oportuna para ambas às partes (espanhóis e *cakchiqueles*), pois derrotar os *quichés* era uma forma de acabar com seu domínio na região, uma vez que o controle de grande parte do território que hoje pertence à

¹¹⁵ LINARES, Federico Navarrete. Op. Cit., 2011.

¹¹⁶ BRICKER, Victoria Reifler. *El cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 69.

Guatemala estava dividido entre *quichés* e *cakchiqueles*. Os outros grupos da região eram aliados de um ou outro grupo.¹¹⁷

O conflito entre essas duas etnias foi importante para a história *cakchiquel*. Ele surge durante o período de migração, pois o governante Qikab (um governante *quiché*) é ameaçado por seus próprios filhos e sua comunidade. Qikab permanece ao lado dos *cakchiqueles* e se torna um importante governante na migração deste grupo. Antes e até mesmo depois da fundação da capital *cakchiquel*, os *quichés* e a comunidade de Sololá se enfrentam em outros conflitos e, pela narração da história no *Memorial*, os *quichés* não obtiveram bons resultados e foram derrotados em uma grande revolução na capital Yximché, capital *cakchiquel*. O ano não sabemos ao certo, mas, provavelmente, de acordo com o período relatado pelo autor, esta revolução ocorreu em 1493.¹¹⁸

*En seguida hicieron pedazos a los tukuchées. Pronto fueron derrotados; ya no peleaban y se echaron a huir. Los soldados fueron aniquilados, y dieron muerte a las mujeres y a los niños. Murió el rey Cay Hunahpú, murieron los jefes Tzirín Iyú y Toxqom Noh y todos los padres e hijos de los Señores... Así fué antiguamente la destrucción de los tukuchées ¡oh hijos míos! La llevaron a cabo nuestros abuelos Oxlahuh Tzú y Cablahuh Tihax. El día 11 Ah fue la dispersión de los tukuchées.*¹¹⁹

A partir desta “revolução”, na qual os *quichés* foram derrotados por seu grupo rival, tal fato tornou-se importante para a história *cakchiquel*. A importância desse evento é evidente ao longo do documento, pois é possível perceber a anotação de cada ano de aniversário desta revolução. A partir da página 113 da edição de Recinos¹²⁰, a cada ano deste acontecimento importante, eventos são relatados. Vale salientar que apenas os eventos mais relevantes são destacados pelos autores que iniciam o documento. Após a página 154 da mencionada edição, quando a estrutura do documento se modifica,

¹¹⁷ BRICKER, Victoria Reifler. Op. Cit., p. 66.

¹¹⁸ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 113.

¹¹⁹ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 113.

¹²⁰ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

aproximando-se mais claramente dos anais europeus, os novos autores começam a incluir eventos a cada ano, mesmo que não sejam necessariamente importantes. Abaixo segue uma citação na qual consta o aniversário da “revolução”, seguido de um evento:

El día 7 Ah [20 de octubre de 1532] se cumplió el 36° año después de la revolución. Diecisiete meses después de la muerte de Belehé Qat los Señores tuvieron que reconocer como rey a Don Jorge, el padre de Don Juan Xuárez. El día 4 Ah [24 de noviembre de 1533] se cumplió el 37° año de la revolución. Durante este año se retiró el rey Cahí Ymox, Ahpozotzil, y se fue a vivir a la ciudad. Le vino al rey el deseo de separarse porque se impuso a los Señores el tributo lo mismo que a todo el mundo y, en consecuencia, tenía que pagarlo el rey.¹²¹

No documento quiché, *Título de los Señores de Totonicapán*, também encontramos referência ao conflito entre os *quichés* e os *cakchiqueles*. Os chefes da comunidade *cackchiquel*, Ahpozotzil e Axpoxahil, eram inimigos do governante Qikab-Cavizimah, e foram acusados pela morte do ex. governante *quiché* Qotuhá, mas a morte do antigo governante não é relatada nesse documento; isto foi notado pela passagem de anos descrita no *Totonicapán*.¹²²

A los dos años de muerto Qotuhá hizo Qiká-Cavizimah una gran guerra a los pueblos de Qoyahil y de Ulahail que habían matado a su padre, [unido] con Tecum Tepepul. Tepepul hizo venir a trece de los señores de aquellos pueblos y les dio muerte abriéndoles o partiéndoles la cabeza. Así la había vaticinado Qotuhá y porque Qiká-Cavizimah había de vengar su muerte, muy justo era incendiar a cuanto [enemigo] hubiese sobre la tierra.¹²³

Notamos que o grupo *cakchiquel* é mencionado apenas neste evento da história *quiché*. Os governantes *cakchiqueles*, Ahpozotzil e Axpoxahil, considerados tiranos, foram

¹²¹ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 134.

¹²² TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 234-235.

¹²³ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., p. 234.

os principais alvos de aniquilamento, além de outras parcialidades do grupo étnico *cakchiquel* que são mencionados no texto como, por exemplo, os Ah-Bakaholab e Gekaquch.¹²⁴

De acordo com Navarrete:

*Las tradiciones históricas mesoamericanas eran siempre propiedad de un grupo humano específico, generalmente un linaje, que las preservaba y modificaba a lo largo de las generaciones. Las tradiciones eran de importancia fundamental para esos grupos, pues servían para definir su identidad y establecer y defender su posición en el complejo mosaico político y cultural de sus sociedades.*¹²⁵

Destarte, notamos que a produção desses documentos, não apenas os da região da área maia, mas de outros grupos mesoamericanos, estavam ligadas a fatores hierárquicos e alianças políticas entre os grupos envolvidos. De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, “(...) cada sociedade ou região cultural emprega suas próprias concepções para definir, selecionar e construir os episódios e personagens que compõem seus relatos explicativos”¹²⁶. Mas, ainda que a tradição histórica estivesse vinculada ao seu grupo étnico e local de origem, os conteúdos apresentados por esses grupos não necessariamente tratavam apenas da história de sua comunidade, pois a relação externa com outros grupos era importante para a construção do conteúdo histórico.¹²⁷

¹²⁴ TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Op. Cit., 1948, . 234-237.

¹²⁵ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los libros quemados y los nuevos libros: paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 59.

¹²⁶ SANTOS, Eduardo Natalino dos. Op. Cit., 2009, p. 46.

¹²⁷ NAVARRETE, Federico Linares. Op. Cit., 1999, p. 242.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro entre o *Eu* e o *Outro* gerou transformações em ambas as culturas (indígena e ocidental); um interpretava o outro a partir de sua própria visão de mundo. A chegada dos espanhóis trouxe modificações significativas para os grupos culturais das Terras Altas da Guatemala, sobretudo, para as comunidades quichés e cakchiquel. As elites indígenas foram paulatinamente perdendo seus privilégios, sua cultura foi sendo modificada pela presença espanhola nessa região e, após o início da evangelização, causou a reinterpretação de seu passado pré-hispânico. Os nativos viram seus antigos documentos de tradição histórica serem queimados, por serem considerados objetos idolátricos pelos colonizadores e evangelizadores. Porém, o aprendizado do alfabeto latino e o contato com a cultura do *Outro* possibilitou aos nativos reescreverem suas antigas histórias.

Nesta pesquisa utilizamos dois documentos indígenas produzidos durante este período de reescrita do passado, ou seja, documentos que foram escritos no contexto colonial. Selecionamos dois documentos da área maia: *Memorial de Sololá*, do grupo étnico *cakchiquel*, e *Titulo de los Señores de Totonicapán*, referente ao grupo *quiché*. O primeiro produzido pela linhagem dos Xahilá, e o segundo pelos descendentes de Balam-Quitze. A partir da análise levantamos algumas hipóteses, levando em conta a percepção de passado e os elementos legitimadores dos grupos em tela.

Ambos os documentos tratam da fundação do *altépetl* de cada grupo. Iniciam seus textos denominando os principais fundadores de seu grupo étnico, a passagem destes fundadores pela cidade de Tula e, posteriormente, o início da migração. A análise nos mostrou que as tradições históricas indígenas continuaram sendo o meio de justificar os poderes políticos das elites e de legitimar os governantes nativos frente às suas comunidades e aos demais grupos maias.

Ao identificar o ancestral fundador de sua linhagem no início dos documentos, os governantes das comunidades *quiché* e *cakchiquel* demonstravam sua sucessão ancestral, o responsável pela fundação de sua linhagem, a multiplicação da mesma e a fundação de seu *altépetl*. O ancestral desempenhava um papel de suma importância para as histórias desses grupos, pois a veracidade dos fatos estava confirmada na palavra dos antigos, uma vez que

eles viveram os principais acontecimentos da comunidade e foram os responsáveis pela origem da tradição histórica de cada uma das etnias.

Notamos também que a relação com os grupos vizinhos era importante para a construção da história, como observamos no *Memorial de Sololá*. Ao derrotar o grupo étnico *quiché* na revolução que ocorreu na capital *cakchiquel* Yximché, o aniversário da revolução passou a fazer parte da construção narrativa do manuscrito, pois a cada ano se comemorava a derrota do grupo *quiché*.

A leitura dos textos de apoio e os elementos abordados na análise, como, por exemplo, a presença dos ancestrais, a fundação do *altépetl*, o lugar de passagem ou origem mencionado nas fontes e conhecido como Tula ou Tulan, as aliança matrimônios com o intuito de ampliar o poder político, entre outros elementos, nos fizeram compreender que tanto os maias quanto os povos do México central compartilhavam os mesmos mecanismos para legitimar seus governantes perante suas comunidades e os grupos vizinhos.

A partir do século XVI as elites tiveram que justificar a legitimidade de seus líderes e direito de posse de seus territórios para um novo público, os espanhóis. A tradição histórica e os poderes atribuídos a um governante mantiveram-se apoiados no antigo passado pré-hispânico, tanto pelos grupos das Terras Altas maias como pelos habitantes da região central do México.

Portanto, os autores dos documentos aqui estudados, o *Memorial de Sololá* e o *Título de los Señores de Totonicapán*, permaneceram praticando os mesmos mecanismos legitimadores utilizados por seus ancestrais. Sua tradição histórica, portanto, estabelecia uma relação do passado com a sociedade do presente, evidenciando a importância da continuidade das tradições que garantiam os privilégios das elites que se mantiveram no poder durante o período colonial.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

FONTES AUXILIARES

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.

POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. História e Antropologia. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

BORBA, Francisco F. (org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

BRICKER, Victoria Reifler. *El cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

COELHO, Pablo Martins Bernardi. As crônicas mestiças: uma análise sobre a construção da narrativa de Diego Muñoz Camargo. *Revista Latino-Americana de História*, vol. I, n. 1, p. 23-44, jan. 2012.

- CORTEZ, Otília. Intertextualidad y paralelismo entre el Popol Vuh y La Bíblia. *Espetáculo*. Revista de estudios literários. Universidad Complutense de Madrid, n. 40, 2008. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero40/.html>>. Acesso em: 12 set. 2011.
- ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- FLORESCANO, Henrique. *Memoria Mexicana*. México: FCE, 2002.
- FLORESCANO, Enrique. *Quetzalcóatl y los mitos fundadores de Mesoamérica*. México: Taurus Historia, 2012.
- GARZA, Mercedes de la. *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.
- GARCÍA, Guillermo Osvaldo. El simbolismo cosmogónico en el Pop Wuj. Facultad de Ciencias Sociales – UNLZ, Ano VI, v. 3, n. 11, , p. 111-130, 2009.
- GÓMEZ, José Manuel A. Chávez. *Intención franciscana de evangelizar entre los mayas rebeldes*. México: Conaculta, 2001.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo; LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. *Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas*. 2001. 144f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. O conceito indígena através dos códices coloniais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: ANPHLAC2004, Disponível em: <anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/glaucia_cristiani_montoro.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013.

- MONTORO, Gláucia Cristiani. Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico. 2008. 353f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- MONTORO, Gláucia C. O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis. *Revista Tempo*, vol. 19 , n. 35, p.143-160, Jul. – Dez. 2013.
- NAVARRETE L., F. Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998.
- NAVARRETE, Federico Linares. Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito. *Estudios de Cultura Náhuatl*, México, v. 30, p.231-256, 1999.
- NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000.
- NAVARRETE LINARES, Federico e ROJO, Danna Levin (coord.). *Indios, mestizos y españoles: interculturalidad e historiografía en la Nueva España*. México: UNAM, 2007.
- NAVARRETE LINARES, Federico. *Los Orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2011.
- POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- RABASA, José. *Ecografías de la voz en la historiografía nahua*. Historia y Grafía. México: Departamento de História, Universidad Iberoamericana, p. 105-151, 2005
- SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Trad. Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

- SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. *El sistema de dominación azteca: el império tepaneca*. 2005. 642f. Tese (Doutorado de Antropología de América) – Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, vol. 14, p. 241-258, 2004.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. Alteridade. In: MEDEIROS, Sabrina Evangelista; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; VIANNA, Alexander Martins (org). *Dicionário crítico do pensamento do Direito: idéias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Maud, 2000.